

Relatório #73

Entenda como as altas da inflação e dos juros nos EUA afetam a economia global

20 de julho de 2022

Olá, investidor!

Como vai?

► Sumário

No relatório de hoje, falarei sobre a disparada da inflação nos Estados Unidos e seu impacto sobre a economia global. Tratarei também da alta dos juros que vem sendo conduzida pelo Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) e de como ela agrava o risco de recessão econômica.

Boa leitura!

► A maior inflação dos últimos 41 anos

Com a alta de 1,3% em junho de 2022, a inflação nos Estados Unidos chegou a 9,1% nos últimos 12 meses, a maior nos últimos 41 anos. O disparo dos preços ocorre em um período conturbado para a economia global, no qual as cadeias produtivas ainda não se recuperaram completamente dos efeitos da pandemia e a guerra na Ucrânia segue pressionando os preços das commodities energéticas.

Contudo, a recente disparada da inflação nos EUA não pode ser creditada exclusivamente à pandemia e ao cenário geopolítico desfavorável. Antes disso, a política monetária expansionista que vinha sendo conduzida pelo Federal Reserve (Fed, o banco central dos EUA) e que foi intensificada durante a crise sanitária também precisa ser levada em consideração.

O Fed vinha aumentando progressivamente seu balanço via compra de títulos públicos e hipotecários, além de manter as taxas de juros em patamares historicamente baixos, contribuindo para um excesso de liquidez nos mercados.

Com a crise provocada pela Covid-19, os juros foram baixados ao patamar próximo de 0% ao ano, e diversos estímulos foram injetados na economia norte-americana para mitigar os efeitos do distanciamento social.

Com liquidez excessiva, juro real negativo e uma injeção de trilhões de dólares na economia, criou-se o cenário ideal para a “tempestade perfeita” vivida pelos Estados Unidos atualmente: inflação em alta e risco de recessão.

► O ambíguo mandato do Fed



Após meses relutando e repetindo o mantra de “inflação transitória”, o Federal Reserve foi obrigado a admitir seu erro de cálculo inicial, e começou a agir com o intuito de perseguir a estabilidade de preços.

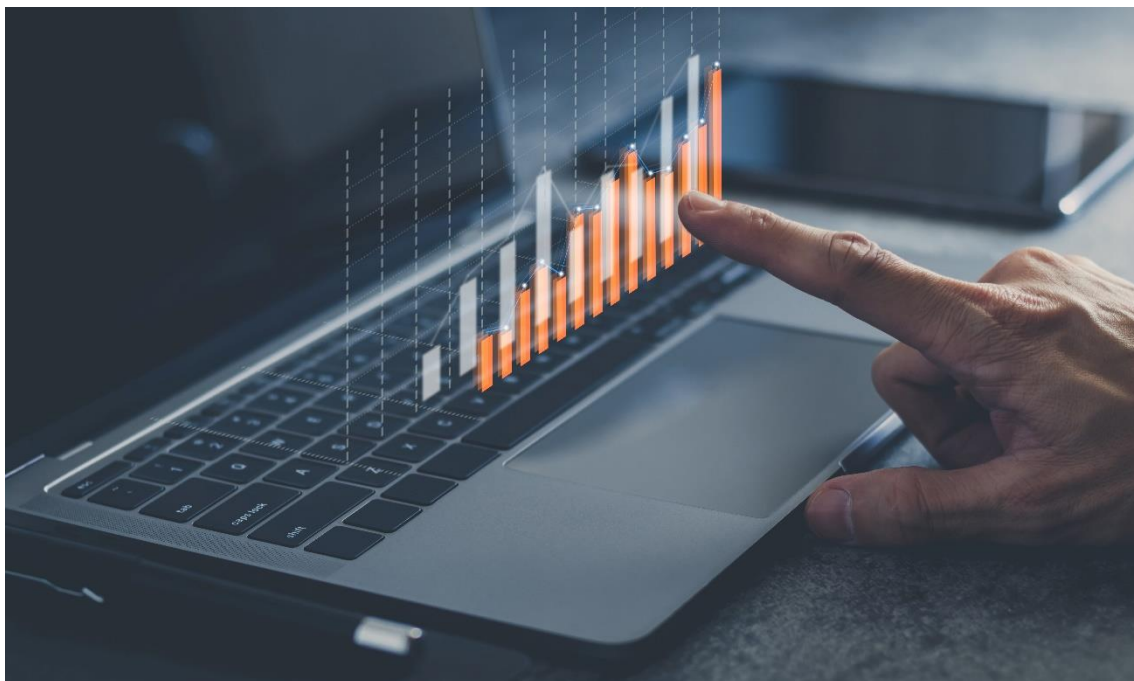
Em março deste ano, a instituição deu início a um novo ciclo de alta dos juros nos Estados Unidos, mas se viu compelida a agir de maneira cautelosa, como que “pisando em ovos”, devido ao ambíguo duplo mandato do Fed.

Se você, investidor, consultar qualquer manual de economia, verá que o pleno emprego está inevitavelmente ligado a taxas de inflação mais altas. Ainda assim, o Fed passou a adotar em 1977 uma política que dita a busca simultânea da estabilidade de preços e o pleno emprego.

Obrigadas a tentar conciliar dois objetivos contraditórios, as autoridades monetárias americanas foram relutantes em subir os juros, temendo que um aperto monetário pudesse resultar na desaceleração da economia e em um possível aumento do desemprego.

Agora, a cautela começa a dar lugar à convicção de que o combate à inflação deve ser a prioridade do Fed no curto prazo, mesmo que isso signifique conduzir a economia americana na direção de uma recessão.

► A alta dos juros e seu impacto



Os juros nos EUA encontram-se, atualmente, no patamar entre 1,50% e 1,75% ao ano, mas devem subir vertiginosamente ao longo dos próximos meses. Para a reunião do Federal Open Market Committee (Fomc, o comitê de política monetária dos EUA) de julho, que ocorre entre os dias 26 e 27, o mercado já projeta uma nova elevação dos juros em 0,75 ou 1,00 ponto percentual.

A expectativa é que a economia americana comece a sentir os efeitos dessa alta dos juros ao longo dos próximos meses, o que deve resultar em uma desaceleração da atividade no país, podendo inclusive levar os EUA a uma recessão – hipótese já admitida pelo presidente do Fed, Jerome Powell.

Além disso, juros altos tendem a desestimular o mercado de trabalho, e podemos esperar um ligeiro aumento na taxa de desemprego no país, uma vez que a meta de perseguir o pleno emprego deve ser abandonada no curto prazo em prol da busca pela estabilidade de preços.

► Bolsas de Valores em queda

Desde o início do ano, as Bolsas de Valores dos Estados Unidos têm reagido negativamente à deterioração das perspectivas para a economia. Entre os dias 3 de

janeiro e 18 de julho, o S&P 500 – principal índice de ações da Bolsa de Nova York – acumulava perdas de 20,13%, cotado a 3.830,85 pontos.

Essa queda pode ser atribuída à percepção constante dos investidores em relação ao aumento dos riscos oferecidos pelos ativos de renda variável, como as ações listadas em Bolsa, ao mesmo tempo em que começaram a vislumbrar a possibilidade de a renda fixa voltar a oferecer rendimentos atrativos no longo prazo.

Ações de empresas de crescimento, ou seja, aquelas que investem pesado na expansão de suas atividades e tendem a obter resultados menos expressivos no curto prazo, foram as mais afetadas, especialmente no setor de tecnologia.

Além disso, o mau-humor se expandiu para fora de Nova York, contaminando mercados ao redor do globo.



► Conclusão

Diante de tantas incertezas, é difícil prever até onde irá a alta dos juros nos EUA. Contudo, é evidente que o aperto monetário deve perdurar por um bom tempo, até que a inflação volte a convergir para a meta, o que depende também de uma melhora substancial da situação macroeconômica global.

No curto prazo, as Bolsas dos EUA devem apresentar alta volatilidade, e ainda há espaço para quedas dos principais índices de ações do país. Dessa forma, o momento não é o mais apropriado para quem pensa em realizar aportes em ativos dolarizados.

Contudo, é bom se manter atento às oportunidades que podem surgir com a desvalorização dos ativos nos Estados Unidos. Passado o momento mais conturbado da crise atual, uma vez que as expectativas sejam ancoradas, bons ativos

provavelmente estarão sendo negociados a preços atrativos, o que pode representar uma oportunidade de entrada para os investidores com visão de longo prazo.

Já conhece todas as carteiras LVNT?



Carteira Zero Risco

● Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0%



Carteira LVNT Conservadora

● Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 90%
● BOVA11 - 5%
● XFIX11 - 2,5%
● DIVO11 - 2,5%



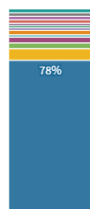
Carteira LVNT Moderada

● Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 85%
● BOVA11 - 5%
● XFIX11 - 2,5%
● DIVO11 - 2,5%
● ITSA4 - 1%
● TRPL4 - 1%
● HGLG11 - 1,5%
● KNRI11 - 1,5%



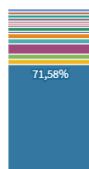
Carteira LVNT Arrojada

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 78%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- RAIZ4 1%
- VIA3 2%
- VALE3 1%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- XPML11 1,5%
- TEPP11 1,5%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



Carteira LVNT Arrojada Plus

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 68%
- IVVB11 2,5%
- XINA11 2,5%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- RAIZ4 1%
- VIA3 2%
- VALE3 1%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- XPML11 1,5%
- TEPP11 1,5%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



Por hoje é isso, e até a próxima!

Rafael Bevilacqua

Estrategista-chefe e sócio fundador da Levante

DISCLAIMER

Este material foi elaborado exclusivamente pela Levante Ideias de Investimos e pelo analista Rafael Bevilacqua (sem qualquer participação do Grupo UOL) e tem como objetivo fornecer informações que possam auxiliar o investidor a tomar decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta de valor mobiliário ou promessa de retorno financeiro e/ou isenção de risco. Os valores mobiliários, discutidos neste material, podem não ser adequados para todos os perfis de investidores que, antes de qualquer decisão, deverão realizar o processo de *suitability* para a identificação dos produtos adequados ao seu perfil de risco. Os investidores que desejem adquirir ou negociar os valores mobiliários cobertos por este material devem obter informações pertinentes para formar a sua própria decisão de investimento. A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço pode aumentar ou diminuir, podendo resultar em significativas perdas patrimoniais. Os desempenhos anteriores não são indicativos de resultados futuros.

